

REDES SOCIAIS: ESPAÇOS DE NARRATIVAS SOBRE O COTIDIANO ESCOLAR

1

Antônio Carlos Segundo²; Maria Aparecida Gomes Barbosa³

²Graduando do curso de Arquitetura (ESUDA)

³Doutoranda do Programa de Pós- Graduação em Educação (PROPED UERJ)

²*Faculdade de Ciências Humanas (ESUDA), antoniosegundoarquiteto@yahoo.com.br*

³*Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERJ), cidaupe@yahoo.com.br*

Resumo: Este estudo analisa as narrativas dos alunos universitários sobre as interações pedagógicas nas salas de aula nas Universidades da região Nordeste. O objetivo deste estudo é identificar o espaço virtual, as redes sociais, como espaço interativo, diferentemente do espaço da sala de aula universitária, na qual, os estudantes interagem pouco com seus professores. Este estudo ancora-se em Bruner (2001), especificamente sobre o Modo de Pensamento Narrativo, que promove esta interação entre os agentes presentes na academia, além do que os jovens formulam um conceito de Si mesmo e de mundo. Os recortes das falas dos estudantes deste estudo foram coletados nas redes sociais – WhatsApp. Nos achados deste estudo consta-se que os estudantes universitários precisam ter voz, na academia, assim como têm nos trombones digitais, caso contrário, o graduando continuará ingressando na universidade como um sujeito narrativo que é, e engessando, aos olhos da academia um sujeito cartesiano.

Palavras-chave: Modo de Pensamento Narrativo. Interação Pedagógica. Jovens Contemporâneos.

INTRODUÇÃO

Este artigo pretende apresentar através das narrativas dos estudantes universitários nas redes sociais; WhatsApp, sobre o cotidiano das aulas nos ambientes acadêmicos. O objetivo é analisar através das interações comunicativas nas redes entre os sujeitos narrativos, os dois espaços que os jovens estão inseridos; o virtual em que representa os sujeitos contemporâneos, interagindo e dialogando constantemente com o outro, em contrapartida; o espaço da sala de aula na academia, estático, com pouca interação comunicativa entre educando e educador, não representando o perfil de estudantes da era que estamos vivenciando.

Os desafios da docência universitária é reconhecer os sujeitos que estão presente na academia; que são narrativos de mentes hipertextuais, entretanto, o sistema de ensino encarou-os como apenas sujeitos cartesianos, que predomina o legado da representação ideal da universidade; um único perfil de sujeito no espaço acadêmico. Mas, comprova-se pelas falas dos universitários, que não são o tipo de sujeito que algumas instituições pregam; são hipertextuais e narrativos.

Estamos em uma era digital que a cada dia os jovens contemporâneos manuseiam os aplicativos tecnológicos para narrar o cotidiano, formulam e reformulam um novo conceito de mundo frente as mudanças sociais, que os impulsionam a agirem, e se comportarem de modo

¹ Este presente trabalho é o resultado da disciplina Didática, inserida no componente curricular do curso de Geografia, na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERJ), CAMEAM.

diferenciado a cada instante. Mas, a lacuna evidenciada, é que a instituição formadora de profissionais, não preparam os futuros educadores para que consigam lidar com várias mentes em sala de aula, cada qual com um pensamento e comportamento diferenciado, que mudam constantemente através da cultura. Pois, as salas de aula continuam a não representar esses sujeitos, tornando o aluno passivo no processo de aprendizagem. Evidenciamos esse fato posteriormente com as narrativas dos universitários.

Ao pensar as necessidades dos alunos na era contemporânea de ser reconhecidos, intencionamos com este trabalho propor aos educadores que reconheçam os sujeitos que estão presente no espaço acadêmico, e que fomente importância da interação em sala de aula entre o educador e educando, promovendo o diálogo, tornando consequentemente as aulas mais estimulantes.

2. REVISÃO DA LITERATURA

Consideramos importantes as vozes desses alunos, pois como assegura Goffman (1979), a fala é um conceito de um encontro social construtivo para obter análise dos fatos em relação do tema de estudo, conduna-se com o nosso objeto de estudo seja as narrativas dos alunos, nas redes sociais sobre suas aulas.

ANÁLISE DOS DADOS

Foram selecionadas no mês de Julho de 2016, falas de alunos sobre as aulas – na verdade, as práticas pedagógicas e de interação (ou não) de seus professores, do semestre passado (de fevereiro a junho de 2016), que foram trocadas pelas redes sociais: facebook e WhatsApp.

1. VOZES DOS ALUNOS UNIVERSITÁRIOS

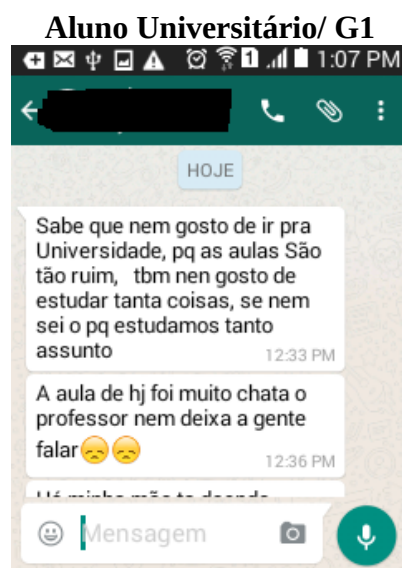
Os jovens constroem suas narrativas de acordo com suas experiências do cotidiano, e com fatos que são evidenciados no contexto social que estão inseridos, que influencia no modo de agir, pensar e no comportamento. Os sujeitos mobilizam os dois modos nas experiências cotidianas, o que definirá o momento de usar um ou outro é a circunstância do momento. Mas, o insucesso no processo de aprendizagem nas universidades/escolas, é por priorizar tão somente o pensamento científico, com o único pregado de verdade absoluta.

Bruner (2001), salienta que há dois modos dos sujeitos interpretar e compreender a realidade imediata de mundo, o pensamento narrativo que emerge da interação do indivíduo em seu

contexto social, dotado de representação, e o científico considerado o estruturado.

As mudanças sociais trouxeram várias outras formas diferentes de desenvolver a escrita, com outros formatos de textos; os verbais e não verbais, orais e visuais. Uma escrita de mundo que fomenta ao aluno registrar uma percepção não estática da realidade, contribui para o comportamento absolutamente inédito; Enquanto, que a escola, ler o mundo é o educando sentar inerte e ler um livro, para o aluno, é sair pelo mundo, interagindo e trocando informações, mas o habitual do sistema é controlar o modo como se comportam, que segundo Barbosa (2014), como se estivessem saídos todos de uma mesma fôrma.

Através das narrativas construídas nas interações comunicativas dos universitários, nas redes sociais, pelo aplicativo o WhatsApp², poderemos posteriormente analisar, como está o ensino na academia formadora dos futuros professores. Evidenciamos com o aluno (G1):



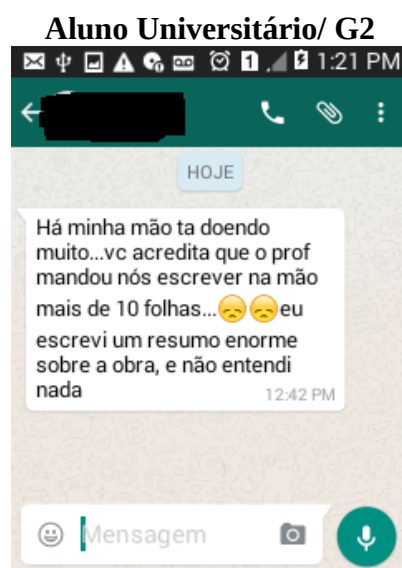
Narrativa 1: fala do estudante de Pedagogia, 2016.

É notório pela escrita do universitário o modo de expressar-se o que está sentido através dos símbolos *emotion* pelo WhatsApp, demonstra narrativamente após o término de uma aula desmotivadora. A lacuna evidenciada é a falta no espaço acadêmico da comunicação oral interativa entre o educando e educador. Evidencia na escrita “o professor não deixa nós falar.” Os sujeitos não são reconhecidos na universidade, principalmente a prática da oralidade, fato esse que torna carência da própria identidade do acadêmico, mas para se inserir no sistema educacional, torna se

² É um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones. Além de mensagens de texto, os usuários podem enviar imagens, vídeos e documentos em PDF, além de fazer ligações grátis por meio de uma conexão com a internet.

cartesianos, que pouco se reconhece no espaço acadêmico que estão. Consta-se na fala “também não gosto de estudar tanta coisa, se nem sei o pq estudamos.” Pois constantemente decora-se teorias, conteúdo, mas pouco entende de como mobilizar na prática, em outros espaços sociais, então, memorizar é apreender para a instituição? Infelizmente as avaliações monótonas de algumas universidades e escolas contadas narrativamente pelos alunos universitários nos confirmam isso.

O modo de expressar-se, percebe-se a abreviação “Tbm Pq e nen”, que representa mais uma forma de escrita incorporada nas redes sociais e, mesmo no comportamento linguístico do jovem que demonstra pressa em falar, narrar sobre a desmotivação de ir para a aula. Tal comportamento pode ser explicado (ou não) por Senna (2001), através do conceito do pensamento narrativo, que é construído no/pelo cotidiano do aluno, mas, é visto pela escola como corruptela de pessoas não civilizadas, admitindo que o modo científico seja a única missão do professor. As transformações ocorridas na sociedade informática, fragilizam a imagem pública científica de pensamento, as massas orais legitimam seus modos de pensar. No entanto, a prática na docência universitária retrocede a era do hipertexto midiático. Percebe-se posteriormente no desabafo do aluno G2.



Narrativa 2: fala do estudante de Geografia, 2016.

Em plena era digital os estudantes universitários são submetidos a atividades que não coaduna-se com esta era. O professor, que deveria estimular práticas pedagógicas mais interativas, dá sinais evidentes de que continua sendo um opressor, como dizia Freire (1996). Como se esta prática pedagógica resultasse, de fato, na aprendizagem.

Valente (1999), salienta que a tecnologia digital viabiliza funções em que envolve atividades colaborativas, surge uma nova forma de comunicação, ambientes interativos de aprendizado, que aumenta outras formas de habilidades de escrita criativa. A escola deve ser capaz atender a necessidade dos alunos, o conteúdo não pode ser mais fragmentado ou descontextualizado da realidade, é necessário o aluno compreender o que faz e não ser um mero executor de tarefas.

CONCLUSÃO

Através das narrativas dos alunos universitários, evidenciamos que as aulas nas universidades continua a seguir o método mecanicistas, que não representa os sujeitos que estão sendo formados neste ambiente, fato esse, que torna o ensino desmobilizador para os jovens que estão inseridos em um meio social com a cultura digital, que a cada momento exige para serem dinâmicos, mobilizando em situações cotidianas o pensamento narrativo e científico, mas, essa identidade construída no meio social é tratado como ilegítima, garantido o aperfeiçoamento apenas do método científico, escrita padrão, comportamentos ajustando ao sistema, e desajustando-os os sujeitos da aprendizagem de serem ativos no processo de aprendizagem, expor sua opinião, falar o que pensa, inserindo na aula o conhecimento de mundo.

Os docentes têm que lecionar não apenas o conhecimento pautado em aulas, mas, entes de ensinar, entender a que tipo de cultura está ensinando, para saber as necessidades peculiares de cada aluno, encara-los não apenas como sujeitos ouvintes, com uma rotina cansativa e enfadonha, mas, como um sujeito dotado de habilidades, que ao ter voz no espaço acadêmico contribui para o processo de aprendizagem.

Não resta dúvidas que os educadores só conhecerão o dom de saber ensinar melhor, ao escutar as narrativas dos seus alunos. Mas, só mobilizaram o processo de ensino aprendizagem, de fato quando escutarem a voz aos seus alunos, e respeitarem a subjetividade dos seus alunos como elemento intrínseco a todo e qualquer ser humano, tornando a serem construtores dos seus conhecimentos, e assim colaborando no processo de letramento desses sujeitos.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, M.A. G. **Reflexão sobre a prática de ensino superior:** ou reprodução do conhecimento.2014. Disponível em: <<https://www.google.com.br/webhp?sourceid=chrome-instant&ion=1&espv=2&ie=UTF8#q=em%3Ahttp>>

%3AModalidade_1datahora_19_09_2014_14_18_37_idinscrito_188_962f67e8c7a7098713575c76f245c9e2>. Acesso em 25.jul.2016.

BRUNER, J. **Cultura da educação**. Lisboa: Casagraf Artes Gráficas,2001.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOFFMAN, E. [1979] **Footing**. Trad. Beatriz Fontana. In: RIBEIRO, B.T.; GARCEZ, P.M. (orgs). Sociolinguística Interacional. 2a. edição. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

SENNA, L.A.G. **O perfil do leitor contemporâneo**. 2001. Disponível em: <http://www.senna.pro.br/biblioteca/perfilleitor_new.pdf>. Acesso em: 25.jul.2016.

VALENTE, J. A **O computador na sociedade do conhecimento**. Campina, SP, UNICAMP/NIED,1999.